

# **A IDENTIDADE CULTURAL DA PRODUÇÃO MARGINAL DA DÉCADA DE 70.**

**AZEVEDO, Mário Cesár dos Santos**

[yamura21@yahoo.com.br](mailto:yamura21@yahoo.com.br)

**ARAUJO, Nicácio Andrade**

[nicaciotst@hotmail.com](mailto:nicaciotst@hotmail.com)

**GONÇALVES, Rebeca Fernanda Cruz**

[rebeca.goncalves@hotmail.com](mailto:rebeca.goncalves@hotmail.com)

**NUNES, Antônia Maria (orientadora)**

Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, professora do curso de Letras da  
Universidade Tiradentes

nianunes@yahoo.com.br

## RESUMO

A poesia marginal surge no Brasil, na década de 70 como reações à repressão política iniciada nos anos 60 e como necessidade de expressão de um grupo de jovens que passava por uma grande transformação de comportamento, pois viviam uma época efervescente de demolição das velhas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais. Portanto, não se pode discutir a produção poética desse período sem discutir a construção de identidade desse novo sujeito que faz arte com intuito de derrubar fronteiras e desconstruir os discursos dos porta-vozes das classes economicamente viáveis e do poder. Num cenário político de ditadura militar, os poetas marginais foram além da idéia de apenas fazer uma arte de protesto, de militância de esquerda ou de sujeito que está à margem das relações de poder, apropriando-se dos discursos e dos canais de cultura popular e/ou cultura de rua, levaram a poesia aos lugares mais corriqueiros, numa linguagem mais do que coloquial, debochada, com o intuito menos de chocar e mais de mostrar a nova cara da poesia e do novo sujeito artístico que se constitui dentro de uma sociedade cada vez mais inconstante, porém ou por isso mesmo, mais atuante. É preciso sobreviver artisticamente à repressão político-econômico-social que se fazia presente desde o golpe de 64. Uma das reflexões que instigam o debate sobre a identidade e, em relação a esta, as questões sobre a estética, é a consciência do período e da sociedade em que se vivia: a divulgação dos novos valores que ditavam a produção literária desenvolvida ao longo da ditadura, em que se percebe uma continuidade do modernismo aliada às inovações surgidas na pós-modernidade, revendo e desconstruindo velhos paradigmas visando esclarecer alguns problemas de interpretação da realidade.

**PALAVRA CHAVE:** Identidade, Cultura, Poesia Marginal e Repressão Política.

## **ABSTRACT**

The marginal poetry in Brazil in the '70s as a reaction to political repression started in the '60s and need as the expression of a group of young people going for a big change in behavior, as living a season of effervescent demolition of the old social structures, political, economic and cultural. Therefore, we can not discuss the poetic production that period without discussing the construction of identity of this new guy who makes art with the aim of toppling borders and deconstruct the discourse of the spokespersons of class and economic power. In a political landscape of military dictatorship, the poets have been marginal than the idea of just making an art of protest, militancy of the left or the guy who is on the fringes of power relations, is taking ownership of speeches and channels for popular culture and / or culture of street poetry led to the seats, more currently, more than a colloquial language, debauchee, with the aim of less shock and more to show the new face of poetry and the new artistic subject which is within a society increasingly fickle, however, or so we are more active. We need to survive artistically political repression, economic, and social which was done this since the coup of 64. One of the ideas that instigate the debate on identity and, on this, the questions about aesthetics, is the conscience of the period and society in which they lived: the release of new figures that saying the literature developed over the dictatorship, which realizes a continuity of modernism combined with the innovations arising in post-modernity, reviewing and deconstructing old paradigms seeking to clarify some issues of interpretation of reality.

**KEY WORD:** Identity, Culture, Marginal Poetry and Political Repression.

## INTRODUÇÃO

A chamada literatura marginal foi um movimento literário ocorrido no Brasil e foi importante para o desenvolvimento cultural do país, num período de grande conflito na história brasileira das décadas de 60 e 70. Este artigo visa analisar a autenticidade e a contemporaneidade do movimento ocorrido na época através da historialização, salientando algo mais importante do que a sua (suposta) permanência no tempo: a possibilidade de leitura dos conflitos existentes em determinado momento histórico e a construção da identidade de um novo sujeito que se afirma a partir dos embates filosóficos e literários travados e divulgados de forma “clandestina”.

Através das leituras empreendidas na relação texto/contexto é que também se pode fazer uma interpretação dos problemas sociais, políticos e econômicos vivenciados, a fim de identificar, inclusive, a possibilidade da não temporalidade de uma produção, mas sim da permanência de certos problemas e conflitos, permeados – na maioria das vezes – por situações de exclusão e opressão. Um bom exemplo desse tipo de situação foi a produção em que se destacou os relatos memorialistas que tratavam, basicamente, da vida no exílio do eterno Raul Seixas, a poesia em tom confessional, que se utiliza de fatos corriqueiros para lançar um lirismo por vezes angustiante e mostrar como viam o mundo de uma maneira diferente, como vemos nos versos da canção "Sociedade alternativa" - de Raul Seixas - "Se eu quero e você quer / tomar banho de chapéu / ou esperar Papai Noel / ou discutir Carlos Gardel / então vá: faz o que tu queres, pois é tudo da lei".

Com o tempo a literatura marginal foi evoluindo e mostrando sua força literária, apesar das adversidades existentes naquela época e com vários obstáculos sociais, tornando assim uma literatura que, para muitos, era apenas rabiscos sem valor literário de jovens idealistas e sonhadores. Tempos estes que a própria história se encarregou de contornar.

Segundo Gilfrancisco (2006 pg. 10) no fim dos anos 60, com o endurecimento do regime militar e a declaração dos atos institucionais, estava de volta e com muita força a censura imposta pelo regime da época. Os censores instalados nas redações de revistas, jornais e editoras tornaram o trabalho jornalístico e autoral mais “perigoso” do que nunca no país. A imprensa passou a ser o ponto chave na tentativa de publicação e edição, tiveram

trabalhos dobrados, obrigando-os na maioria das vezes em montar e remontar cada edição em locais diferenciados, muitas vezes inviabilizando economicamente essas publicações.

Essas condições de produção fazem com que a poesia marginal siga a trilha aberta pela imprensa alternativa para que possa mostrar o seu ponto de vista da história de caráter político de movimentos como o feminismo. Este tipo de imprensa fazia oposição pesada ao regime militar, denunciando a tortura e a violação dos direitos humanos e criticava o modelo econômico.

Como se vê, as questões impostas para vida cotidiana do país nessa época levaram vários escritores e jornalistas a viverem na marginalidade editorial, impulsionado por uma necessidade de não calar suas vozes e pensamentos ao regime imposto. Período esse marcado pela repressão e pela censura. As manifestações e movimentos culturais, em sua maioria, politicamente engajados, foram resultados da capacidade criativa do brasileiro, aliada às circunstâncias de duas décadas de muitas transformações políticas e sociais no Brasil e no mundo. O teatro, a literatura, a arte, a música, o cinema e a imprensa foram os lugares das discussões políticas e das inovações.

O período do Regime Militar no Brasil (1964-1984) foi, simultaneamente, o mais sombrio, no aspecto político, e o mais brilhante, no que diz respeito à capacidade criativa e cultural. Teatro, música, cinema, literatura, arte e imprensa uniram suas forças inventivas ao engajamento político, numa experiência de ebulição cultural singular num país que presenciou a mutilação das esquerdas, reagindo nas brechas da repressão e da censura. Os jornalistas, além de terem suas matérias vistoriadas diariamente, viviam sob tensão, já que muitos também eram militantes políticos e poderiam ser vítimas de perseguição pelos militares. Mas até aqueles que não atentavam diretamente contra o regime ou se envolviam na militância corriam esse risco.

As edições, publicações e distribuições de notícias sempre foram realizadas na clandestinidade, abordando vários perfis de notícia, para atender todos os gostos da sociedade em questão, além de manter viva a cultura do país, já que a imposta foram de culturas internacionais e ao mesmo tempo autorizada pelo próprio regime.

De acordo com o pensamento de Gilfrancisco (2006), a poesia é marginal na medida em que as precárias condições de produção, bem como sua distribuição, eram feitas à margem da política editorial vigente, visto que a essa precariedade a liberta do quadro alienado e dominador da cultura oficial

O termo "marginal" foi cunhado pela professora Heloisa Buarque de Hollanda (2007, Rio de Janeiro) e não remete à noção de fora-da-lei, na verdade, ele se aplica à autores que tinham dificuldade para emplacar suas obras em editoras de grande porte. Não é à toa, portanto, que eles foram imortalizados pela expressão "geração do mimeógrafo", já que se valiam dessa máquina para levar ao público consumidor, de forma ágil e barata, livros de pequena tiragem bancados por conta própria. E além disso, marginal era aquele que traduzia em versos de postura anti-intelectual os problemas do seu cotidiano, revelando sintonia com as mudanças políticas e comportamentais por que passava o Brasil. Uma época de repressão e censura imposta pelo governo militar, mas também um período de assimilação da cultura pop, que o Tropicalismo de Caetano Veloso e Gilberto Gil ajudou a introduzir.

Para Gilfrancisco (2007 – palavras do próprio em mini-curso), os marginais queriam somente vender suas obras para conseguir um “dinheirinho” com objetivo do seu próprio consumo: comprar maconha e a cervejinha do dia. Estes poetas sabiam no seu íntimo que suas obras serviam de válvula de escape em denunciar uma sociedade injusta e perversa, uma sociedade que valorizava a cultura internacional e desprezava a brasileira, fruto de imposição do regime militar.

Falar de poesia marginal não implica falar apenas de jovens fascinados por cinema, cartoons e shows de rock. Também constam dela, escritores de pelo menos três gerações diferentes, com valores e ideais distintos, mas que se irmanavam pela insatisfação com os anos de chumbo da ditadura. Também se aproximavam pela utilização de uma comunicação direta, uma linguagem cotidiana e nada rebuscada para expressar aquela realidade vivida até o momento sombrio da censura.

O termo marginal vulgarizou-se no universo lingüístico brasileiro a partir da década de 50, quando os planos de desenvolvimentos geraram uma consciência eufórica do progresso. Nos últimos anos, a palavra marginal associou-se à produção artística, principalmente à literária, ultrapassando tanto o seu significado pejorativo quanto o econômico. Uma coisa é

certa, os legítimos marginais, na acepção repressiva ou na acepção histórica, continuam fora do processo de fatura artística de ordem letrada.

A expressão “literatura marginal” foi escolhida por alguns escritores de periferias das grandes cidades brasileiras, cuja produção tem crescido e começa a ter algum destaque em diferentes espaços. Eles se sentiam a margem da sociedade devido as suas condições sociais de origem e aos problemas com a qual convivem no cotidiano, além de produzirem textos fora do padrão formal: usam gírias e ortografia próprias.

Literatura marginal será toda aquela que focalizar a necessidade de expressão de um grupo de jovens que passava por uma grande transformação de comportamento, pois viviam uma época efervescente de demolição das velhas estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais. Mas, neste caso, o novo não é apenas novo, superficialmente, mas em sua essência. E a renovação dar-se-á, então, como premonição de uma renovação mais ampla e profunda, que se seguirá e que implicará, necessariamente, na ausência desde mesmo grupo, desta mesma idealização, sendo a arte apenas a sua antecedência estética.

A opção por ser marginal, por estar fora dos circuitos comerciais dos livros, por circular de mão-em-mão, por estar impressa em folhetos jogados do alto dos edifícios, faz desta poesia um trabalho lúdico e que se volta para a realidade mais imediata, embora alguns estudiosos contestem esse caráter imedialista. E no início dos anos 70, quando um enorme número de poetas investiu no sufoco da censura e repressão literária, implementada no Brasil a partir de 1964.

Segundo Canclini (1997 – La Plata), a partir do popular termo – “o excluído”, é que se constrói a literatura marginal, que de acordo com a sociedade da alta cultura não possuem patrimônio ou não conseguem reconhecimento e nem participam do mercado de bens simbólicos “legítimos”, porque são meros espectadores dos meios de massa, vivem à margem porque não se enquadram a um padrão estabelecido.

A literatura marginal é constante no país, no mundo, principalmente em Barra Velha e região. Embora receba várias acepções, mas aqui ela é assim denominada pela pesquisadora Heloisa Buarque de Hollanda (Rio de Janeiro), porque se acredita que na arte, toda obra e todo autor que não se enquadre nos moldes tradicionais da criação, apresentação ou

veiculação são chamados de marginais, tanto o poeta quanto a sua produção poética. O autor não integrado na arte erudita, passa a ser representante de uma minoria discriminada, subalterna, que vive às margens da cultura erudita. Esses autores assumem uma postura contestatória, satirizam a sociedade ou tematizam a contracultura, são desconhecidos, produzem e veiculam suas obras por conta própria, com recursos precários, artesanais e praticam estilos de linguagem pouco literários.

Literatura esta associada à idéia de estética, ou melhor, da ocorrência de algum procedimento estético. Um texto será literário, portanto, quando consegue produzir esse efeito, ou seja, quando proporciona uma sensação de prazer e emoção no receptor contudo, reconduz à dificuldade de elaborar alguma definição verdadeiramente estável para o texto literário.

Para Heloísa Buarque de Hollanda (2001, entrevista) “a poesia marginal, literariamente falando, consiste no estilo coloquial encontrado na maioria dos autores da geração mimeógrafo, caracterizado pelo emprego de um vocabulário baseado na gíria e no chulo, e de uma sintaxe insenta de regras de gramática, tal como na linguagem falada.” Essa visão de Heloísa nos remete também para A semana de Arte Moderna de 1922, liderada por Mário de Andrade e Oswald de Andrade que também propunha comentar a realidade cotidiana na linguagem comum, uma ruptura com os padrões estéticos da época. Essa literatura busca legitimar o trabalho de determinados artistas como Cacaso, Chacal, Francisco Alvim e Ana Cristina César que escreviam uma poesia livre de rimas, das regras gramaticais, de temas sérios, uma literatura mais preocupada em retratar conhecidos por independentes, alternativos ou populares a exemplo dessas poesias abaixo:

Já me matei faz muito tempo  
me matei quando o tempo era escasso  
e o que havia entre o tempo e o espaço  
era o de sempre  
nunca mesmo o sempre passo

morrer faz bem à vista e ao baço  
melhora o ritmo do pulso  
e clareia a alma



morrer de vez em quando

é a única coisa que me acalma

(Paulo Leminski)

### **A CONSTRUÇÃO DO VINHO**

Entre a videira e o vinho

um tempo de construção.

É a semente

é o broto

é a planta

é o fruto

é o cacho

é a uva que despenca

no tacho que fermenta

e se faz vinho.

(Ana Cristina César)

Ao observar o discurso sobre literatura marginal, esta reporta-nos ao movimento de poesia jovem, empreendida por jovens que pretendiam romper com os movimentos anteriores, produzindo uma poesia simples, fácil e de rápida aceitação, direcionada a um público adolescente que se reconhece nas práticas cotidianas que reivindicava uma ruptura com os valores literários, os quais passavam a ter um produto poético para os modelos propagados pela indústria cultural. A temática da poesia marginal era o registro confessional e autobiográfico, a irreverência, o humor, fortes registros de subjetivismo e a simplicidade sintática e vocabular, por isso foi considerada desqualificada.

Ao poeta marginal atribui-se a figura do vendedor ambulante, que percorria bares, filas de cinema, de teatro, promovia recitais, happenings e até passeatas, para divulgar e comercializar seu produto. No final da década de 1970, ocorre simultaneamente aos sinais de “abertura” política, foi que esta produção passou a ser aceita e publicada pelas grandes

editoras, dessa forma a oficialização da poesia marginal implicou, paradoxalmente, deixou de lado a polêmica sobre as alternativas de editoração, venda e propagação.

Nesse período histórico brasileiro a literatura toma outro rumo editorial e cenográfico, as obras escritas nos anos de repressão passam a ser valorizada cada vez e mais, chegando com maior facilidade ao público leitor. As bienais culturais começaram a surgir com seus espaços merecidos. Esses artistas, do que poderia sugerir o termo “marginal”, não estavam tão a parte da sociedade. Pelo contrário, eram quase todos provenientes do eixo Rio - São Paulo, ou ainda Minas Gerais e Brasília, e trabalhavam quase sempre como profissionais liberais ou funcionários públicos, ocupações, portanto tipicamente da classe média.

Talvez por isso nos últimos anos esteja usando a nomenclatura Literatura Marginal de uma maneira mais ampla do que falamos até então. Esse novo conceito abrangeria toda e qualquer produção literária que tivesse como origem os setores menos privilegiados da sociedade. Passa-se então de uma delimitação mais estética para uma classificação que leva em conta o contexto sócio-econômico em que esses autores estão inseridos. Poderíamos englobar então sob esse rótulo desde escritores oriundos das periferias dos grandes centros a escritores que nasceram em berço de ouro, mas tem a mesma visão de contestador.

O que encontramos em nosso país é um ciclo de “o meio mais fácil” para adquirir o conhecimento e ganhar seu espaço na sociedade. As periferias estão cheias de rádios comunitárias, de onde se assume um papel de divulgar os atuais marginais literários do Brasil, poesias feitas por membros das comunidades, usando seu espaço habitacional com elo de divulgação, publicação, distanciando assim esses escritores das grandes editoras. Percebe-se ainda que a literatura marginal continua viva e sólida, tendo seu espaço da mesma forma que sempre foi quando a surgiu com os poetas dos anos 70, levando em consideração que a conjuntura política é outra, a produção literária que vem descendo morro abaixo nos grandes centros não é mais poesia de classe e sim daqueles que foram expulsos da sociedade, jogados para fora.

Heloísa Buarque de Hollanda (2008. pg. 14 a 18) diz que o poder de transformação da poesia marginal não é muito grande na classe média alta. “Agora, na classe semi-letrada o poder é revolucionário, com um acesso a um mundo novo, um mundo de cultura, que foi negado a essas comunidades”.

Em Paris centenas de jovens europeus tomaram as ruas da cidade com um objetivo ambicioso de mudar o mundo. Protestavam contra a manipulação exercida pelos meios de comunicação de massa, lutavam pelo fim das divergências entre homens e mulheres, defendiam a preservação do meio ambiente. Enfim, clamavam por uma sociedade mais justa e, acima de tudo, livre, eis o movimento hippie.

No Brasil, as manifestações de Paris também ecoaram para valer e por volta de 1970, muito do estilo hippie se tornou parte da cultura principal do país, disseminando a sua essência por todas as áreas das sociedades atuais. A liberdade sexual, a não-discriminação das minorias, o ambientalismo e o misticismo são, em larga medida, produto da contestação hippie. Temos algumas comunidades Hippes espalhadas por praias e comunidades alternativas. No cenário musical, destacam-se o cantor Raul Seixas (maior cantor hippie da história nacional) e a banda Mutantes, que fez grande sucesso nos anos 60 e 70 e tem milhares de fãs ainda hoje. Porém como os hippies tenderam a evitar publicidade após a era do Verão do Amor e de Woodstock, surgiu um mito popular de que o movimento hippie não mais existia.

Outro movimento que se destacou nesse mesmo contexto foi O Tropicalismo, movimento musical de vanguarda liderado por Caetano Veloso, com sua poética libertária e alto poder de desconstrução de lugares estereotipados e canônicos, parodia o nacionalismo ufanista, o purismo discursivo e se impõe como um dos marcos do desejo de ruptura. Na canção que dá título ao movimento, “Tropicália”, evoca o espaço carnavalizado de Brasília, relido como alegoria da nação e que se define pela ruína e pela apropriação residual de seus valores. A convivência conflituosa entre o arcaico e o moderno, o campo e a cidade, o local e o cosmopolita dimensionam a abertura da música popular para além de seus limites geográficos. O clima alegre instaurado pelo movimento e pela canção que o antecipa, “Alegria, alegria”, atua como denúncia das mazelas sociais e evoca a eficácia das guerrilhas e estilhaços revolucionários.

Se, devido a o regime ditatorial, as pessoas devem andar na linha obedecendo e submetendo-se às regras previamente estipuladas, Caetano propõe uma caminhada “contra o vento”, ou seja, contra a ordem imposta das coisas. Além disso, “sem lenço e sem documentos” conota uma crítica à norma que proibia as pessoas de saírem às ruas sem portar documentos. A música de Caetano questionava as idéias e as tensões daquelas que lutavam

contra a Ditadura: enquanto o sol repartia-se “em crimes, espaçonaves e guerrilhas”, ele seguia, “sem lenço e sem documento”, “andando contra o vento”.

Essas sugestões tão bem expressa na música de Caetano até os dias atuais continua viva nos pensamentos e ideais de vida de muitas pessoas da nossa sociedade em buscar um vento, um sentido para viver em liberdade, cujo elo de luta pregado no regime militar ocorrido nos anos de chumbo.

O movimento Hip Hop formado principalmente pelos jovens negros e pobres, também contribuiu nesse processo de transformação como forma de discussão e protesto contra o preconceito racial, a miséria e a exclusão. Uma espécie de cultura das ruas, um movimento de reivindicação de espaço e voz das periferias, traduzido nas letras questionadoras e agressivas, no ritmo forte e intenso e nas imagens grafitadas pelos muros das cidades.

A performance mistura, em níveis sucessivos, gêneros que para a cultura ocidental seriam diferentes e separados (músicas, poesia, dança, pintura). A interpretação, a fusão de todos esses elementos que faz dela uma forma artística que não seria equivalente à soma dos elementos separados. Para compreender a multidimensionalidade da performance, é necessário fazê-lo em seu contexto social. Fora deste contexto social, somente se compreenderia alguns dos elementos, mas não só como um conjunto de dança, música, poesia e artes plásticas, senão como uma performance inserida num contexto social, neste caso marginal, cheio de problemas sociais, educacionais e de exclusão social. Este contexto social é o que dá sentido à performance do movimento hip hop que é tão aceito atualmente na sociedade.

A expressão “excluído” que sempre é defendida pelos *happers* (como são chamados) é que se constrói a literatura marginal, que de acordo com a sociedade da alta cultura não possui patrimônio ou não conseguem reconhecimento e nem participam do mercado de bens simbólicos “legítimos”, porque são meros espectadores dos meios de massa, vivem à margem porque não se enquadram a um padrão estabelecido pelo meio social que é tanto defendido atualmente.

Esta denominação de identidade em questão é a cultural, em sua essência, o argumento é: as velhas identidades, que por tanto tempo estagnaram o mundo social, declinaram, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo, até então era visto como um

sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma estabilidade no mundo social.

Para Stuart Hall (2002), essa busca de identidade representa um processo de transformação e mudanças na identidade de um povo, já que tem que viver e conviver com as imposições que lhe são oferecidas, além de transmitir os ideais iluministas na busca de novo sonho, buscando maneira de mostrar suas indignações a sociedade, baseando em pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação.

ABRA OS OLHOS... Liberte sua mente! Consciência + atitude = a liberdade

(Autor desconhecido)

Libertar-se de preconceitos, não se condiz em radicalizar leis ou agredir com frases vulgares e grosseiras; mas sim libertar-se dos seus próprios preconceitos, o que existe dentro de cada ser, objetivando assim o objetivo da liberdade. Livre para pensar e agir de maneira mais eficaz e objetiva

O brasileiro então era motivado a seguir e a acreditar nas propostas de artistas e culturas as quais não falavam nem retratavam a sua realidade, que esta por sua vez era totalmente inserida no conturbado regime militar que impunha a sociedade o que acreditavam que não iria alienar suas mentes, para que não se voltassem contra o próprio. Regime que matou, saqueou, seqüestrou, oprimiu, exilou, torturou jovens que, como na música de Chico Buarque de Holanda é cantada nos demonstra muito bem "... nós gatos já nascemos pobres, porém já nascemos livres.", livres para pensar, criticar e reagir ao que foi imposto a eles, eram pobres por não terem vez na sociedade, por serem marginalizados, e muitas vezes deserdados pelos pais que não apoiavam a iniciativa deles, de lutar por seus direitos, de cidadão de indivíduo.

Por toda essa necessidade de mudança viveram as margens, e lutaram, persistiram e não desistiram, e por conta disso hoje encontramos essa diversidade cultural no nosso país. A

necessidade de livre expressão sem medo e sem culpa de dizer o que gosta ou deixa de gostar, de criticar o presidente ou simplesmente o aroma do perfume que comprou.

E para aqueles teóricos que acreditam que as identidades modernas estão entrando em colapso, o argumento se desenvolve num tipo diferente de mudança estrutural que está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

Portanto, literatura e história caminham juntas tendo em vista um ponto preponderante na vida social de um país, ao mesmo tempo em que os fatores culturais, sociais, ideológicos e filosóficos refletem no sentimento de quem escreve, transmitindo através da escrita sua emoção e valores que o indivíduo acredita ser a verdade, essas transformações alteram nossas identidades e influenciam pelas idéias que estão sendo a cada dia transcrito, e temos que analisar e considerar o que realmente é importante para nossa vida.

A Literatura marginal foi e é a voz desses jovens poetas que lutaram contra um regime autoritário ao invés de “calar a boca, dos pensadores e escritores”, os chamados poetas do povo e para o povo, que contribuíram para o enriquecimento da manifestação artística do país e que até os dias atuais estão em nosso cotidiano, proporcionados pelo valor cultural deste movimento. Muitos escritores marginais ainda são referências no mundo artístico, devido ao jogo de agressões e conflitos enfrentado pelos envolvidos.

Ser marginal é ser alternativo, ser alternativo é buscar uma forma de transmitir suas obras com criatividade e ousadia, enfrentando o lado obscuro da censura. Para tanto, a expressão marginal é ser um elo da mudança e do crescimento intelectual do país.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CANCLINI, Néstor García. **Cultura y Comunicación: entre lo global y lo local**. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1997.

CÉSAR, Ana Cristina. **A teus pés (prosa-poesia)**. São Paulo: Ática, 1998.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação : na idade da globalização e da exclusão**. 3.ed., Rio de Janeiro: Vozes, [2007].

FERREIRA, João Francisco. **Crítica Literária em Nossos Dias e Literatura Marginal**. Porto Alegre: Editora da Universidade, FAURGS, 1981.

HALL, Stuart: **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2005

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **26 poetas hoje**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

MORICONI, Ítalo. **Como e porque ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SANTOS, Gilfrancisco dos. **Imprensa Alternativa, poesia alternativa nos anos 70**. Aracaju: Faculdade Atlântico, 2006.